

Reg. protocolo n.º 41 (Folha 3.ª)

Leopoldo Pères

UNIÃO SAGRADA

PELO

B

R

A

S

I

L

■



Criticado

9 1942



MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Reg. protocolo n.º 41 (Folha 5)

LEOPOLDO PÉRES

Da Academia Amazonense de Letras
Presidente do Departamento Administrativo do Amazonas

UNIÃO SAGRADA

PELO BRASIL

2 DISCURSOS

LIV. PALÁCIO REAL
Manaus - Amazonas

1294

1942





Ergamos os olhos para o alto,
elevemos os corações, irmanados
pela mais completa comunhão de
pensamentos, para orar e combater
até ao fim, pela vitória do Brasil,
pela Pátria estremecida e imortal.

* * *

Existe, generalizada, a firme compreensão de que precisamos nos unir, esquecer divergências e particularismos, para só cuidarmos dos objetivos supremos da defesa da Pátria. – A frente interna coesa e decidida a arrostar, de ânimo viril, qualquer emergência, as forças armadas prontas a repelir qualquer golpe, tudo isto constitui o magnífico espetáculo da vida brasileira, neste momento grave da nacionalidade.

* * *

A união nacional e a união continental são os imperativos da hora presente.

* * *

Combatendo até à vitória decisiva, seremos dignos da América, Continente de homens livres, e do Brasil, pátria grande e gloriosa, merecedora de todas as renúncias e todos os sacrifícios.

GETÚLIO VARGAS



Todas as energias devem ser dirigidas no sentido de aumentar a resistência e a aptidão do país para enfrentar a emergência criada pelas injustas agressões à sua soberania. Na união, na disciplina, no trabalho e no espírito de sacrifício do povo consistem os elementos capitais para a subsistência e a vitória da Pátria.

Ministro MARCONDES FILHO.



Aqueles que puseram à prova o ânimo e a decisão dos brasileiros, hão-de conhecer o sacrifício que eles são capazes de fazer pelo Brasil. — Compelidos pela brutalidade da agressão, oporemos uma reação que há-de servir de exemplo aos povos agressores e bárbaros, que violentam a civilização e a vida dos povos pacíficos.

Ministro OSWALDO ARANHA.



Nesta hora grave de nossa nacionalidade, o Exército confunde-se com o povo, ambos partilhando das mesmas emoções, ambos arrebatados pela mesma intensa e pura vibração dum patriotismo sincero e profundo. — Nenhum filho do Brasil faltará ao seu dever nesta hora sombria, que exige a união de todos na defesa das nossas tradições e dos nossos direitos.

Ministro EURICO DUTRA.



Nesta hora crucial da nacionalidade, hora crepuscular da liberdade no mundo, hora em que as pátrias livres periclitam, só ha uma diretriz, um caminho e um lema: a União Sagrada pelo Brasil. Façamos a União Sagrada, como a França de Clemenceau e de Barrès, em torno ao símbolo sacrossanto da Pátria; façamos um juramento de fidelidade à Nação e ao homem excelso que a conduz: Getúlio Vargas.



Nos ciclos de glória e de epopéia, o destino dos povos polariza-se irresistivelmente na pessoa, na figura humana, na vocação genial, no destino mesmo dos seus chefes, dos seus condutores, dos seus pro-homens, — os homens predestinados que plasmam a história à feição da sua imagem radiante: tenhamos fé no Brasil e no seu Chefe imortal !





UNIÃO SAGRADA PELO
BRASIL

**O IMPERATIVO CATEGÓRICO DA
COESÃO E COOPERAÇÃO DE TODOS
OS BRASILEIROS, À IMINÊNCIA
DO PERIGO E DA LUTA.**

DISCURSO PROFERIDO
ATRAVÉS DA PRF-6, ESTAÇÃO RADIO-
DIFUSORA DO ESTADO, À NOITE DE
6 DE ABRIL DE 1942.





BRASILEIROS DA AMAZONIA :

A PALAVRA de ordem, impondo-se às graves circunstâncias do momento, já vos foi transmitida, em nome do Chefe da Nação, pelo interventor federal, Snr. Álvaro Maia, no discurso, de tão alta eloquência e tão indiscutível oportunidade, aqui proferido à noite de 14 de Março.

Com o sentido exato das suas elevadas atribuições, fez-se S. Excia. autorizado porta-voz das diretrizes fixadas ao Brasil e aos brasileiros no exemplo de serena coragem patriótica e nas sábias recomendações do presidente Getulio Vargas, ante a insólita agressão da pirataria nazi contra a navegação mercante e pacífica do nosso país.

Ao reiterar-vos, agora, e com o mesmo critério de responsabilidade pública, esse brado de alerta, esse protesto de confiança na fortuna do nosso povo e na causa de nossa civilização, haveis de permitir — compatriícios e amigos, que porventura me ouvís sob os céus da Amazônia — que vos eu fale a linguagem adequada à franqueza e à lealdade que reciprocamente nos devemos, governantes e governados, nesta hora de vigília e de marcha.

A dôr enorme do mundo

E' necessário, antes de mais nada, que não nos façamos ilusões quanto aos sacrifícios, que bem cêdo nos serão exigidos pelas contingências inevitáveis da luta, a estender-se, já hoje, em torrentes de fogo, até os últimos recantos do Universo.

De evidência imediata, esta guerra não terminará sem que todos, mas absolutamente todos, tenhamos amassado, com o nosso suor, as nossas lágrimas e o nosso sangue — para lembrar a frase dramática de Churchill — o barro divino, a argila essencial, em que se ha-de fundir a humanidade do futuro, redimida na dôr enorme do mundo; sem que todos, mas inexoravelmente todos, tenhamos dado o nosso quinhão de amargura, a nossa quota de martírio, o nosso tributo de sofrimento, individual ou coletivo, para o resgate da espécie, na iniquidade dos séculos, a que aludia São Paulo.

E esse instante de redenção, de libertação e transfiguração do homem, está longe de alvorecer nos quadrantes tempestuosos da nossa éra. Porque, como disse Maritain, chorando a desgraça de sua grande pátria, vândida e vencida, mas rediviva na eternidade e no heroísmo, é mistér que passe a justiça de Deus e que se cumpra o novo Apocalipse.

Preparemo-nos, pois, e de ânimo forte, para a dura jornada, que apenas encetamos. Todos os sacrifícios são devidos, ainda os da própria existencia, quando os invoca a Pátria ameaçada ou acometida

pelo forasteiro; todos os sacrifícios se justificam, quando os impõe a defesa do patrimonio insequestravel que nos herdaram os maiores, os fundadores e construtores da Nação; todos os sacrifícios merecem reclamados, quando na refrega se jogam os princípios elementares sem os quais a vida não vale a pena de ser vivida: a liberdade e a condição humana. "*On est pas digne de vivre, quand on ne se sent pas digne de mourir*" — exclamava Clemenceau, nos dias cruentos e flamejantes de 1914.

E a batalha em que o mundo se empenha, e em que nós, americanos e brasileiros, já nos estamos empenhando, e nela nos empenharemos cada vez com um mais obstinado espírito de determinação, na certeza da vitória, não é a batalha do Atlântico nem a batalha do Pacífico, a batalha da Europa nem a batalha das Américas, da África, da Ásia, da Oceania; como não foi a batalha da França nem a batalha da Inglaterra, — mas a batalha dos continentes e das raças; a batalha da civilização contra a barbárie, da inteligência contra o instinto, do espírito contra a matéria; a batalha do homem livre contra o homem escravizado; a batalha de Deus contra as potências luciferianas da negação; a batalha da lei cristã contra os monstros que pretendem — no candente látego rúiano — levantar "sobre as ruínas do Evangelho de Jesus o alcorão da força absoluta".

E haveremos de vencer, porque Deus sempre vence; e haveremos de vencer, porque a matéria é impotente e só o espírito é eterno.

Nem pessimismos, nem optimismos :

SERENIDADE E CONFIANÇA.

A hora, se não comporta pessimismos sombrios, não é por certo de optimismos ingênuos, nem de líricas bravatas, fóra e à margem da conjuntura tremenda que os acontecimentos nos deparam.

Dentro no programa traçado pela Conferência dos Chanceleres do Rio de Janeiro, a segurança das Américas, prestamente se está aparelhando, em condições de contrabalançar os perigos que nos espreitam nos dois oceânos.

E quanto ao Brasil, já o disse o presidente Getúlio Vargas, "nenhum invasor tocará o solo brasileiro, sem receber o justo castigo", repetindo, na oração de abertura daquele memorável conclave, que "é propósito dos brasileiros defender palmo a palmo o próprio território, contra quaisquer incursões e não permitir possam as suas terras e águas servir de ponto de apoio para o assalto a nações irmãs". Ao lado do Presidente, fiéis às suas tradições gloriosas de honra, destemor e civismo, as classes armadas, o Exército, a Marinha, a Aviação e, com elas, as legiões intrépidas da mocidade, o operariado, as camadas conservadoras, a mulher brasileira, todas as forças vivas da Nação.

Mas o pressuposto da invulnerabilidade ou da imunidade do Continente a um ataque, de larga envergadura, por parte dos corsários germânicos ou

nipões, e seus asseclas, é outra ilusão que não devemos acalentar, porque enfrenta o realismo imperioso dos fatos.

O tempo em que o oceano e, através dele, as esquadras de superfície, garantiam ou podiam garantir, de sobejo, o esplendido isolamento americano, já de muito passou ao acervo das lendas, à poeira da história. O progresso vertiginoso da aviação, como veículo de transporte e de guerra, e o desenvolvimento igualmente extraordinário do engenho submarino, deram por terra, de uma vez por todas, não só com a muralha marítima, senão também com os obstáculos naturais, sejam quais eles forem, que outrora erguiam infrangíveis barreiras entre povos e hemisférios. É o que estamos vendo, a cada instante, na experiência do presente conflito.

O inimigo número um das Américas:

A QUINTA COLUNA

Não é difícil, portanto, que uma tentativa desse gênero se venha a verificar — e pôde verificar-se a cada passo — nas águas e no sólo das Américas, acoroçoando a ousadia dos agressores a amplitude desafogada da nossa faixa litorânea e a carência de preparação bélica na mór parte dos países do ocidente atlântico, habituados tão só aos labôres da paz, crescidos e educados aos influxos de uma mentalidade hostil à guerra.

A possibilidade concreta desse golpe da insânia totalitária, em desespero de causa, acaba de nô-la

demonstrar, com argumentos irrefutáveis, um dos mais abalizados intérpretes atuais da política internacional, o Snr. André Chéradame, num livro impressionante, objetivando precisamente "A defesa das Américas".

Segundo a estupenda documentação coligida pelo famoso escritor, a invasão submarina e aérea da América "póde estar extremamente próxima." Mas, para o bom êxito da empresa, contam os possessos do Eixo, antes e acima de tudo, com a arma de que se valeu a Alemanha no dominar, em rasgos siderantes de astúcia e de força, os infelizes povos da Europa: a quinta-coluna, o adversário impalpavel, que se infiltra subrepticiamente, servindo-se da bôa fé e da hospitalidade das suas vítimas, apodrecendo-lhes, desagregando-lhes os tecidos internos, e preparando-se à sorrelfa para quebrar os nódulos de resistência nacional, no caso da invasão.

Aliás, já no seu discurso de 6 de janeiro de 1941, o presidente dos Estados Unidos admitia a viabilidade da execução dessa façanha, assim se exprimindo:

"A primeira fase da invasão deste hemisfério não seria o desembarque de tropas regulares. Os pontos estratégicos necessários seriam ocupados por agentes secretos e pelos seus cúmplices; grande número daqueles já se encontram aqui e na América latina. Enquanto os países agressores se possam manter na ofensiva, eles, e não nós, escolherão o momento, o lugar e o método de ataque".

De sorte que, no oportuno alarma do livro a que me refiro, "a América deve agir depressa, antes que seja muito tarde." A quinta-coluna, disseminada pelo Continente inteiro, é uma organização tenebrosa, mas inteligentemente apercebida dos recursos da arte política aplicados à guerra moderna: a propaganda e a insídia; a mentira por sistema, o suborno por método; a venalidade, o terrorismo e a traição.

O Brasil, como os restantes países do hemisfério, está profundamente contaminado, extensamente infectado desse morbo terrível, dessa praga avassaladora, dessa intoxicação moral. Os jornais referem, dia a dia, as providencias infatigáveis do poder público para combatê-la, em focos que se multiplicavam ao infinito, nos Estados do Sul. E basta ver as formações da milícia nazista, denunciadas e desarticuladas, com inflexível bravura cívica, no Rio Grande, pelo interventor Cordeiro de Faria; e por outro lado, em São Paulo, — onde proliferam as colônias amarelas, verdadeiros quistos de minorias raciais inassimiláveis, — esse plano diabólico de um corpo de exército nipônico, perfeitamente adextrado e provido de armas modernas, para o fim de apoderar-se dos centros de vida do país e prostrá-lo, indefeso e inerme, sob o tacão do invasor.

Dois Profetas:

RÚI e MIGUEL COUTO

Vê-se, portanto, que Rúi Barbosa e Miguel Couto foram dois autênticos profetas, cujos avisos oraculares nem sempre, para nosso mal, o Brasil quis ouvir. O primeiro quando, naquela transverberante confe-

rência de Petrópolis, em 1917, apontando a Alemanha como "o inimigo universal da paz, da liberdade e do direito", anunciou que à sua conta se inscreveriam ainda, por diante, todas as dores e maldições do mundo, se a tempo não a contivessem, desarmada, as leis da polícia internacional; o segundo, ao vislumbrar, da tribuna da Assembléia Constituinte, em 1934, na incoercível infiltração japonesa, irradiando de sul a norte, não apenas um problema de imigração, de seleção rática ou de etnias, senão, e muito principalmente, "um problema de defesa nacional, de segurança da Pátria, de vida e morte do nosso Brasil".

Véspera das resoluções supremas

Em última análise, tudo estará, entretanto, — patrícios e amigos meus — na rapidez e disposição inquebrantável com que nos soubermos orientar para fazer face às surpresas e alternativas do embate.

A vitória das poderosas forças que pelejam, em todas as latitudes, pela liberdade do mundo e pelos direitos do homem, já se acha, mercê de Deus, plenamente assegurada. Mas, antes que tenhamos de combater o inimigo ostensivo, venha do mar ou do ar, urge conosco o combate sem tréguas, e desde já, — conforme advertiu o Presidente Vargas, — ao inimigo dissimulado, insidioso, que se esgueira na sombra, dentro de nossa própria casa, aguardando o ensejo de cair sobre os nossos lares, as nossas propriedades e as nossas vidas. E tanto aos agentes adventícios da quinta-coluna, que entregaram a Europa

ao hitlerismo voraz, como aos brasileiros, indignos desse nome, que se mostrem acumpliciados, por ação ou omissão, nessa atividade sinistra.

O presidente Roosevelt acaba de revelar, no seu país, a presença desses réprobos, que formam a sexta-coluna da felonía e do derrotismo, triste legião de condenados que vendem a alma ao diabo e a pátria ao estrangeiro, pelas trinta moedas da delação. Para estes, mais do que para quaisquer outros, não pode haver tolerância nem transigência, que não implique, por sua vez, delito irremessível de leso-patriotismo.

Não ha sentimentalismo que se compreenda numa emergência, como a que vivemos, em que se lançam, com a sorte das Américas e do mundo, os destinos mesmos de nossa pátria, sua soberania, sua integridade, sua independência. Como acentuou o chanceler Oswaldo Aranha, presidindo a Conferência do Rio de Janeiro, a unidade das nações americanas, neste lance histórico, não resulta apenas do fato de que "as nossas terras, as nossas fronteiras, as nossas costas estejam ameaçadas ou possam ser igualmente atacadas", mas do fato insofismavel de que "a nossa vida, a nossa religião, a nossa moral, as nossas famílias, as nossas raças, as nossas instituições, as nossas liberdades, enfim, as nossas idéias, estão em risco iminente de perecer".

Por sua natureza ciclônica, por seu conteúdo espiritualmente trágico, a mais grave sém dúvida dos anais humanos, a hora não comporta perplexidades, nem expectativas pusilânimes. Exige, ao revés,

definições claras, gestos de vontade inequívoca, pronunciamentos desassombrados, ação imediata, perseverança e denodo: é a véspera das resoluções supremas.

O exemplo do Grande Chefe

O exemplo disso, desses atributos providenciais, têmo-lo em fulgurante relevo na atitude varonil do Presidente Getúlio Vargas, frente às formidáveis responsabilidades que lhe pesam sobre os ombros.

Tornando-se um dos máximos guieiros do pensamento das Américas; encarnando e simbolizando, com Franklin Roosevelt, a consciência dos povos fraternos, que, neste hemisfério, receberam no berço e cimentaram no sangue o sentimento imperecível da justiça e da liberdade, o Chefe da Nação Brasileira fala, hoje, para o Continente e para o mundo, em nome de quase cinquenta milhões de indivíduos, que não abdicam do seu direito de viver e que, embora tudo, não se deixarão esmagar pelas hordas da violência, da impiedade e do ódio.

E' de mistér, porém, que em redor dele, da sua autoridade e do seu comando, do seu vulto iluminado e intrêmulos, se reúna, sem a nódoa de uma só discrepância, a unanimidade dos brasileiros.

Cooperar no esforço tenaz de mobilização das energias coletivas para suprir as vicissitudes desta jornada, — eis, sem dúvida alguma, o dever que, primacial e indistintamente, nos incumbe.

Nas oficinas, nas escolas e nos quartéis; nos serviços civis e nas obrigações castrenses; nos lares e nas ruas; nas cidades e nos campos; nas selvas e nos rios, onde mourejam os fautores ignorados da nossa riqueza, — é indispensável que todos se conservem nos seus postos, atentos, vigilantes, operosos; que o trabalho prossiga sem esmorecimento, elevando os índices da produção, “provendo as necessidades do Estado e prevendo as necessidades de amanhã”; que a ordem e a lei se mantenham inflexivelmente respeitadas, afim de que se executem sem atropelos os encargos que as circunstâncias nos impuzerem.

Foi a exortação que vos dirigiu, em termos veementes, e que releva não esquecidos, o interventor Álvaro Maia.

União Sagrada pelo Brasil

Mais do que nunca, o momento é de síntese, de solidariedade e de coesão, e a virtude nacional por excelência, como disse, uma feita, o Presidente Vargas “deve ser uma virtude militar — a disciplina”. Mais do que nunca, e falando ainda com o Chefe da Nação, “o Brasil reclama, do patriotismo dos seus filhos, um devotamento sem restrições”.

E’ o imperativo categórico da União Sagrada pela causa comum. Mas essa união sagrada, esse compromisso de renúncia em bem da pátria, esse voto de abnegação, esse ato de fé, esse pacto de luta, esse juramento de fidelidade cívica, por certo que se ha-de

fazer, e mercê de Deus já se está fazendo, em torno de um homem, de um chefe, de um ideal heróico: Getúlio Vargas.

Porque é exatamente nos instantes climáticos, como o que atravessamos, nas horas de crise, nos transes decisivos, de vida e de morte, que as nacionalidades procuram o polo imantado dos seus destinos. E o destino dos povos, nesses ciclos de glória e de epopéia, polariza-se irresistivelmente na pessoa, na figura humana, na vocação genial, no destino mesmo dos seus chefes, dos seus condutores, dos seus pro-homens,—os homens predestinados que plasmam a história à feição da sua imagem radiante.

ULTIMA VERBA

Brasileiros da Amazônia:

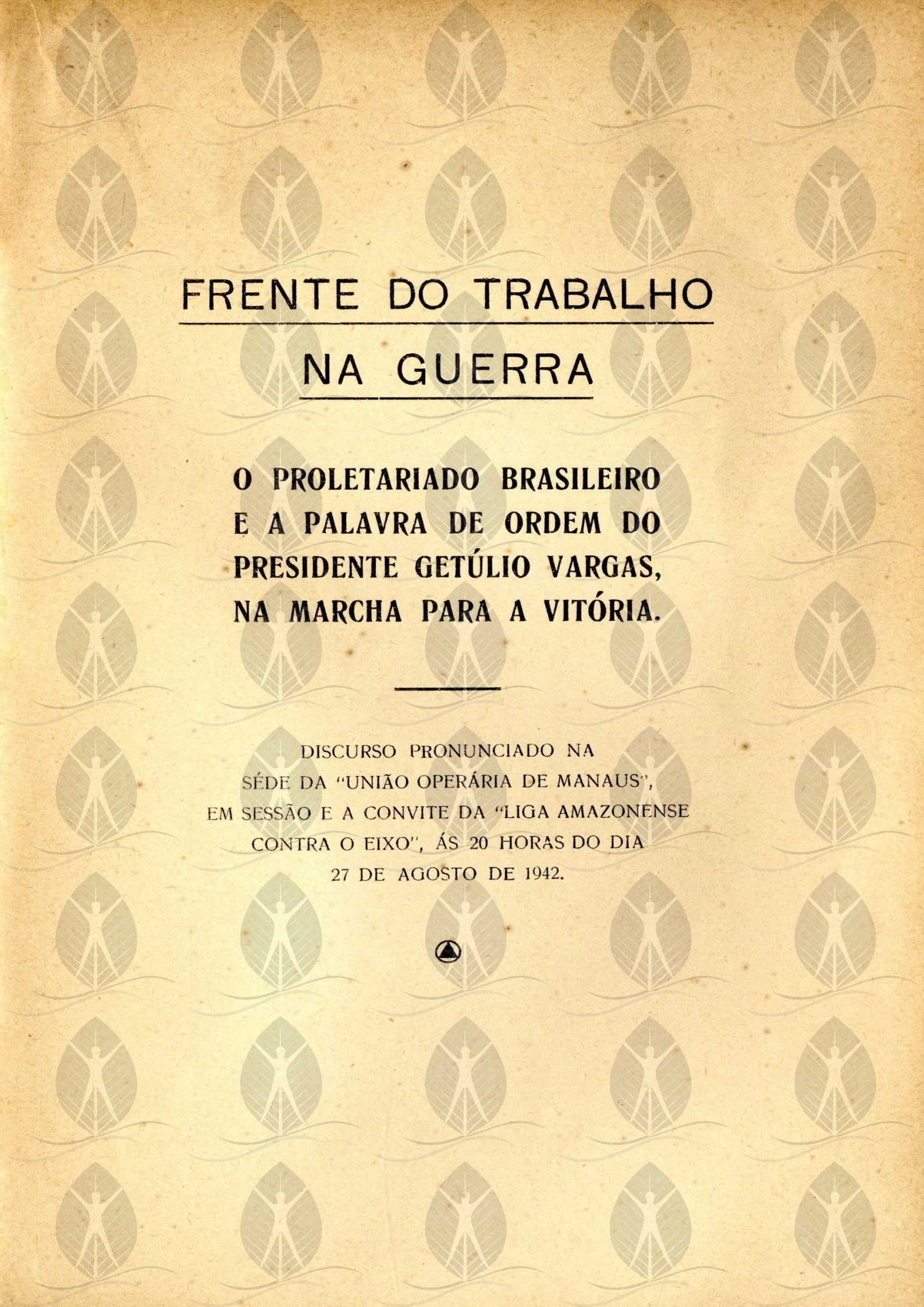
Ainda ha pouco, a propósito da Conferência dos Chanceleres, ouvistes de Adriano Jorge, com o fulgor e o fervor de sua palavra cheia de sol, porventura a mais formosa e comovedora das orações que se têm consagrado em nosso idioma à “Santa América”, pátria única das nossas pátrias irmãs,—América da paz, da democracia e do direito.

Rezemos tambem nós, neste minuto de angústia, mas de fecunda metamorfose criadora para a alma dos povos americanos, essa jaculatória inolvidavel, inspirada no poder miraculoso das nossas forças substanciais, da nossa energia e do nosso espírito, a serviço do aperfeiçoamento humano.

Antes de projetar sobre a idade moderna os clarões de um novo conceito de liberdade e de um conceito novo de vida e civilização, a América deu ao mundo, no justo dizer de Afrânio Peixoto, um bem inestimável, — a dádiva imaterial, mas infinitamente preciosa, da Esperança.

Pois na hora que passa, quando se tem a impressão de que uma grande noite desce nos horizontes da época, é a América, ainda e sempre, o Continente da Esperança, — a esperança de remissão e de renovação do homem e do universo, nas fontes eternas da Justiça, da Beleza e da Graça. E' pelo menos essa a luz misteriosa, o ponto luminoso que fulgura aos nossos olhos agoniados, como o fogo de Santelmo na crista das ondas enfuriadas; como o gênio do Ariel shakespeariano em meio à tormenta dos tempos.

E para que Deus nos faça dignos dessa esperança de salvação, tenhamos fé na América e, sobretudo, — brasileiros que me ouvis! — tenhamos fé no Brasil e no seu Chefe imortal!



FRENTE DO TRABALHO **NA GUERRA**

**O PROLETARIADO BRASILEIRO
E A PALAVRA DE ORDEM DO
PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS,
NA MARCHA PARA A VITÓRIA.**

DISCURSO PRONUNCIADO NA
SÉDE DA "UNIÃO OPERÁRIA DE MANAUS",
EM SESSÃO E A CONVITE DA "LIGA AMAZONENSE
CONTRA O EIXO", ÀS 20 HORAS DO DIA
27 DE AGOSTO DE 1942.



SENHORES:

EM discurso ao povo amazonense, a seis de Abril pretérito, através da radio-emissora local PRF-6, na série inaugurada pelo interventor Álvaro Maia acerca da posição do Brasil face ao desenvolvimento da guerra no hemisfério americano, tive ensejo de afirmar, aludindo à famosa apóstrofe de Churchill, que esta luta — luta de cíclopes e titans — não terminaria, e não terminará, sem que todos, mas absolutamente todos os povos, hajam levado o seu tributo de “sangue, suor e lágrimas” à cruzada santa da redenção do homem e da salvação do mundo, acossados pela barbárie.

Focalizei, então, com argumentos objetivos, a possibilidade, que já ali se me afigurava iminente, de um golpe de força dos corsários nazi-facistas e asiáticos sobre o litoral das Américas e, muito em particular, sobre as águas territoriais brasileiras; e lembrei a advertência do Presidente Vargas, de que devíamos estar atentos e vigilantes, não somente para combater, na hora exata, o inimigo que ousasse defrontar-nos, senão também, e com o maior afincio, para neutralizar a ação do inimigo de portas-a-dentro, porventura abrigado à sombra da nossa bandeira e no recesso hospitaleiro dos nossos lares.

Os fatos confirmam as palavras

O torpedeamento sistemático das embarcações que arvoravam o pavilhão auriverde, em demanda a portos estadunidenses, ou de retorno aos nossos portos, preludiára apenas o ataque miserando que nos seria, logo depois, desfechado. Mais depressa do que fôra lícito supor, verificou-se o que, nada obstante, era lícito esperar: a agressão, desapiedada e brutal, aos nossos navios, em mares nossos, e bem à vista da nossa fímbria litorânea, atingindo o patrimônio e a soberania de uma nacionalidade, que fizera do culto ao direito e à paz o imperativo categórico da sua civilização. E não sofre dúvida alguma de que, nessa emboscada sinistra, colaboraram os cúmplices dos sicários do Eixo que se alapam e acoitam por todo o país, nas mil e uma atividades facinorosas da quinta-coluna.

Não quero, com isso, armar ao iluminismo ou ao infalibilismo da profecia; até porque, segundo a crônica dos anexins, ninguém é profeta na sua terra e na sua época. De resto, jamais aspirei à preciência dos vaticínios, nem pretendi oraculizar fôsse em que fôsse. Mas, onde os fatos lógicos e necessariamente se encadeiam, guardando entre si uma relação sensível de causa e efeito, por certo que se não ha-de mistér, no percebê-los, a visão-lince ou o senso divinatório dos áugures e arúspices, hierofantes e sibilas.

Na hipótese em tela, só os não vislumbraria a pirronice ingênua dos ideólogos ou a obstinação tendenciosa dos cegos que não queriam vêr... E a realidade aí está: os fatos confirmam as palavras, e vão além do que elas poderiam, razoavelmente, sugerir.

Um crime insensato e estúpido

Não sei se na história dos povos, sequer os mais adentrados na selvageria primitiva, os mais insubmissos aos evangelhos da caridade, os mais refratários aos difames da consciência humana, haverá exemplos de uma fereza tão fêra, de uma crueldade tão crua, de uma tão álgida e atróz atrocidade, como a desses monstros que se valeram das sombras noturnas, quais lobos do monte, para acometer e destruir, sem aviso prévio, a barcos inermes, carregados de mulheres e crianças, cujas vidas inocentes repousavam na confiança ilusória de que o sentido da misericórdia ainda latejava nas almas, aproximando o homem de Deus. Encontra-los-emos, talvez, nos torvos anais de 1914, e perpetrados pelos mesmos assassinos impassíveis, hoje reincidentes, que, no anátema de Rúi Barbosa, rehabilitaram a Cain, excedendo-o e humilhando-o na enormidade do fratricídio. Sei, porem, que não ha memória de um crime tão insensato e estúpido, pela gratuidade dos seus motivos, nem tão contraproducente nos seus resultados para o agressor.

De feito, e bem lançadas as contas, que vantagem colimara, ou visaria alcançar a Alemanha, por si e seus sequazes, nesse atentado cobarde contra navios mercantes fazendo o comércio de cabotagem de um país como o nosso que, embora o fervor do seu espírito panamericano e o desassombro da sua leal cooperação na defesa comum das Américas, timbrava em manter-se à margem do conflito, como timbrara na observância

de uma impecável neutralidade, antes que se ele alastrasse às latitudes continentais?

Nenhuma, evidentemente. Entretanto, as consequências, para ela desastrosas, desse gesto de barbarismo e insânia não se fizeram demoradas: o Brasil, com todo o acervo das suas reservas inexauríveis na esfera econômica; com todo o seu potencial humano; com todo o entusiasmo e a revolta vindicativa do seu povo; com toda a flama, a resistência e a bravura dos seus soldados, passou, de um lance, a integrar o grupo luminoso das Nações Unidas, a que já o vinculavam os liames de cultura e civilização, de inteligência e instinto, de fé e esperança nos destinos de um mundo melhor. E com o Brasil seguirão certamente, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, as demais nações sul-americanas, constituindo um bloco homogêneo e inamovível de energias jovens, que apressarão a derrocada espetacular das potências do Mal e o advento de uma era universal de radiantes e duradouras alelúias.

Guerra em legítima defesa

Eis por que estamos em guerra.

Guerra, não procurada nem declarada pelo Brasil, mas que o Brasil se viu na contingência de aceitar — e aceitou-a varonilmente! — colocando-se não à altura, senão muito acima do aviltoso desafio que lhe foi dirigido com afronta aos mais elementares preceitos de altruismo e de honra. Guerra em legítima defesa, contra uma agressão não provocada e injusta. Guerra

em legítima defesa do patrimônio moral e material da Nação, contra a jolda de vândalos que andam à solta no mundo, defraudando a fortuna e ameaçando a existência livre dos povos. Guerra em legítima defesa, para a qual marcharemos com a galhardia, o destemor e a viril certeza de vitória, que enobrecem as grandes causas e justificam os grandes sacrifícios coletivos.

Disse Roosevelt, alhures, que a América odeia a guerra. O Brasil, mais do que qualquer outro povo nas Américas, a odeia, tão profundos e arraigados os sentimentos pacifistas de sua gente, tão claras e magnânimas as diretrizes jurídicas da sua política internacional, tão elevada, generosa e humana a sua compreensão da lei, da justiça e da liberdade. Odiar a guerra não significa, porem, recusá-la com pusilanimidade e deshonra. E de uma degradação semelhante não se correm, mercê de Deus, os fastos intemeratos da formação nacional.

De raro em raro, tivemos de brandir armas e arrostar a luta; mas invariavelmente o fizemos, e por circunstâncias inexoráveis, na defesa da nossa integridade e do nosso brio; ou na salvaguarda dos mandamentos eternos da razão e do direito. Por primeiro, no concerto das nações cultas, erigimos em dogma o arbitramento, inscrevendo-o como postulado basilar da nossa conduta externa, ao tempo que na própria carta fundamental da República se insculpia, em áureo relevo, a condenação expressa do nosso instinto de liberdade às guerras de conquista.

O sentido absorvente e imperialista das nações de rapina nunca jamais nos fascinou. Temos, sim, uma fórmula nossa de imperialismo; mas o imperialismo do Brasil é aquele justo e fecundo imperialismo, que o Presidente Vargas lapidarmente definiu: o imperialismo que consiste na ampliação das suas fronteiras internas, e na integração das suas riquezas num sistema de economia coerente, excluindo e anulando as forças desintegradoras da nacionalidade.

Nos campos de batalha, em chão estrangeiro, por três vezes relumbrou, transverberando nas paisagens do Pampa, a espada invicta de Caxias, símbolo da Pátria unida e imortal, nenhuma, porém, que não fôsse para abater a tirania, restituir a faculdade de viver a nações assoladas pelo terror, ou repelir as algaras caudilhescas que perturbavam a tranquilidade das Américas, e se entregavam desenfreadamente às orgias do sangue e às volupias do despotismo. E com as estrelas fúlgures de Caxias e Osório, as flâmulas de Barroso e Tamandaré, drapejando, triunfantes, aos ventos do Sul.

Em 1914, quando a civilização ocidental se encontrou assediada pela mesma besta apocalítica que hoje se reencarna na hedionda figura do anti-Cristo germânico, de novo nos foi imperioso atender às vozes da consciência americana e ao clamor do universo ultrajado. Batemo-nos, naquela época, ainda e sempre, pelos altos determinismos que haviam presidido à nossa evolução histórica, cimentando a unidade de nossa Pátria, assegurando o seu prestígio no exterior,

cintilando e dominando em Háia no verbo meridiano de Rúi Barbosa.

Diversas não se nos apresentam as razões que, nesta emergência, nos impelem às ameias da cidadela do Espírito, sitiada pela horda ululante dos bárbaros: mais uma vez é o Brasil compelido às vicissitudes e aos sofrimentos da guerra para não trair os alcandorados desígnios de sua vocação civilizadora e heróica.

Bendita impiedade!

Não será, portanto, de bradar ao sacrilégio o considerarmos bendita, paradoxalmente bendita, a horrenda impiedade que levou o Brasil, num raptó magnífico, ao lugar que lhe estava reservado entre as nobres e vigorosas nacionalidades ora de corpo e alma apostadas em restaurar a ordem no mundo e enjaular os loucos-varridos que atearam fogo ao inestimável cabedal da inteligência humana e cristã. Bendita, sim, ainda que paradoxalmente bendita, a impiedade que acelerou a incorporação das forças ágeis e resolutas da nossa coragem e da nossa fé, do nosso trabalho e da nossa economia, às luzidas coortes que terão de construir, no dia de amanhã, a fórmula equânime de uma harmonia criadora entre homens e raças, povos e nações. Bendita, muitas vezes bendita, a terrífica impiedade que nos proporcionará, a final, o ensejo de cooperar, como juizes retos mas inflexíveis, no castigo tremendo aos culpados pela carniceira a que assistimos, pela dor e o luto, a orfandade e a miséria que empolgam a terra; de concorrer ao severo julgamento

dos “gangsters” internacionais, que não tremeram de imolar ao seu diabólico egoísmo, ao seu delírio vesânico de grandeza, à sua megalomania do poder, milhões e milhões de vidas úteis e preciosas, enchendo a terra de pavor e escombros, de choro e angústia inenarráveis, a ecoarem, como uma litania de desespero, nos séculos que hão-de vir.

O erro de 1918/19.

De mister será, todavia, que não prevaleça, nessa hora solene, o idealismo seródio e utópico de 1919.

Para justificar os atos de violência e astúcia que lhe permitiram evadir-se às sanções do Tratado de Versalhes, e reincidir agora, com tresdobrado furor, no crime de ha trinta anos, apresentou-se a Alemanha aos olhos do mundo como nação espoliada, vítima de uma iniquidade política sem precedentes, e desse modo logrou atrair sobre o famigerado documento o clima que sabemos, universal e apaixonadamente adverso.

Formou-se, com efeito, mercê dos engodos da diplomacia germânica, seus filósofos e pensadores, e dos quinta-colonistas intelectuais a seu serviço na imprensa estrangeira, a convicção generalizada de que o diploma da Galeria dos Espelhos, lavrado — segundo eles — ao arrepio dos rudimentos de equidade entre vencedores e vencidos, se tornara o maior obstáculo à consolidação da paz na Europa, e fonte permanente de novos e mais cruentos litígios. Sob essa cavilosa alegação, fez o militarismo teutônico tábula-rasa das obrigações que assumira e, fiél ao princípio “clássico”

de que os tratados são “farrapos-de-papel”, entrou a forjar as armas com que haveria de desencadear a sangueira de 1939, cujos imensos caudais se derramam por sobre o facies convulso do orbe.

A verdade, porem, é que o erro do instrumento jurídico de Versalhes, saturado do teorismo wilsoniano, exatamente se nos depara, não no rigor das suas cláusulas substanciais, ou nas cominações impostas à Alemanha prussificada, senão na extrema benignidade, no sentimentalismo lírico-romântico de que foi objeto a nação direta e exclusivamente responsável pelo delito inominável de 1914.

Estou com Winston Churchill, quando nos demonstra que o célebre Tratado, em que pése às increpações que se lhe possam desferir, “foi um instrumento suave em comparação com as concepções alemãs”. E é quase inimaginável a revelação que nos faz o “premier” britânico, de haverem os vencedores de 1918, a Inglaterra e os Estados-Unidos principalmente, canalizado em empréstimos à Alemanha, “afim de que ela pudesse modernizar as suas indústrias e restabelecer o seu bem-estar econômico”, somas muitas vezes superiores às que lhe foram impostas pelas reparações de guerra, de resto nunca por ela integralmente satisfeitas. (¹).

Uma Nação “Out-law”

Os fatos que presenciamos acumulam-se no comprová-lo. Porque, se em 1919 houvesse a Alemanha desaparecido do mapa da Europa, tangida do convívio das nações policiadas como elemento subversor da

(¹) – W. Churchill – *Sangue, Suor e Lágrimas*, 1941, pg. 119.

ordem e da paz, por certo não estaria a humanidade a carpir, neste instante, a desgraça que a aflige e dessangra, o furacão de ferro e de ódio que destroi pelos alicerces tudo quanto o gênio e o esforço do homem haviam laboriosamente reconstruído, após a passagem arrasadora dos novos Hunos.

A França, que não consentiu em 18 na marcha de Foch sobre Berlim, e aceitou, vencedora, contra o voto do chefe glorioso do Marne, uma fronteira de vencida, e duas vezes vencida ⁽¹⁾, deplora no infortúnio dos dias presentes a fatal imprevidência daquela hora dramática.

Que se não reproduza, pois, esse erro calamitoso. Do mesmo passo que se excluem das relações em sociedade os indivíduos perniciosos à ordem jurídica e moral estabelecida, só têm o direito de viver à face da terra os povos que se não tornaram incompatíveis com os requisitos assentes da coexistência internacional.

No caso da Alemanha, já se não trata, obviamente, de uma nação em “estado perigoso”, que exija a incidência de medidas de segurança comum, mas de uma nação-celerada, uma nação “out-law”, cujos atentados indizíveis contra as leis divinas e humanas bradam aos céus e clamam a mais dura e implacável punição. O espírito de 1914, “manifestado por um grosseiro e inculto Hohenzollern”, e o de 1939, “por um inculto e grosseiro pintor de paredes”, possuídos, os dois ambos, da mitomania do domínio universal, é em tudo o mesmo, ao que reconhece, com insuspeição, Emil Ludwig: — o espírito prussiano que, antepondo

(1) — R. Recouly — *Le Mémorial de Foch*, préface, VI.

por sistema a violência ao direito e a audácia ao escrúpulo, ha oitenta anos inquieta a Europa e o mundo.

Urge, de uma vez por todas, maniatá-lo, a esse endemoniado espírito de agressão, tal como à demência furiosa se aplicam, de regra, as camisas-de-força.

Entre a liberdade e a servidão

Operários do Brasil!

Muitas vezes se tem afirmado, e não será inutil repetir, que esta guerra não é apenas uma guerra de nações e de raças, de continentes ou ideologias políticas, de valores sociais ou econômicos em presença. Antes e acima de tudo, é uma guerra em que se defrontam duas concepções de vida, dois conceitos diametralmente antagônicos do homem e do seu destino. O presidente Franklin Roosevelt resumiu o debate nesta alternativa irrecusavel: a escolha entre a liberdade e a servidão.

“Esta não é uma guerra comum — exclamou o chefe da grande democracia do Norte. E' uma revolução imposta pela força das armas, que ameaça todos os homens por toda parte. E' uma revolução que se propõe, não a libertar os homens mas a escravizá-los; e a reduzi-los à escravidão no interesse de uma ditadura que já mostrou a extensão das vantagens que espera obter (¹).

Não precisarei falar-vos, trabalhadores brasileiros, da ominosa condição das massas proletárias na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini, e países ocupados, para não aludir tambem ao milenário

(¹)—*Our democracy in action* (trad. port.) 1942, pg. 184.

obscurantismo nipônico. Bem avaliaremos qual seja ela, num regime de que foram suprimidos os direitos imprescritíveis da consciência e do espírito, da palavra e do pensamento.

Na sua celebrada encíclica **Mit Brennender Sorge**, de 1937, já nos denunciara Pio XI, com a enorme autoridade da investidura ecumênica, o clima da Alemanha nazista e, pois, dos seus tristes vassalos, como irrespirável à dignidade mesma da pessoa. O homem, o operário sobretudo, nada mais vale sob a tirania nazi-facista, obsessa dos Mitos do Sangue e da Raça, conforme o Santo Padre, do que uma peça inexpressiva e automática na entrosagem do Estado. E todas as liberdades que constituem os atributos por excelência da vida humana deixaram literalmente de existir, asfixiadas na temperatura dantesca dos campos de concentração ou espavoridas à sombra sinistra da Gestapo e dos pelotões de fuzilamento.

Expondo, sensacionalmente, às Américas, os planos do super-gangsterismo hitlerista, na delirante hipertrofia do velho sonho pan-germânico de dominação universal, fala-nos um notável analista de guerra, em livro a que já de outra feita aludi ⁽¹⁾, dos métodos a que recorrem os “boches” para suprir as necessidades espantosas da sua máquina de opressão. As populações escravizadas vêem-se na dolorosa contingência de abandonar os seus países e os seus lares, os seus haveres, os seus filhos, a sua religião, a sua língua e, uma vez conduzidas às zonas agrícolas ou industriais do Reich, ficam

(1) — André Chéradame — *Dias decisivos (A defesa das Américas)*, 1942.

sujeitas a trabalhos forçados, produzindo o material bélico ou alimentando as culturas, de que se utilizará o inimigo para lhes prolongar a agonia de ilotas ou espostar-lhes as próprias pátrias.

Dever do Proletariado

Esta é, portanto, — operários do Brasil! — a hora decisiva, a hora suprema, em que se ha-de pôr à prova o vosso devotamento cívico, a vossa capacidade de ação e cooperação na defesa, a qualquer preço, do solo inviolável da Pátria, importa dizer, das legítimas, árduas e generosas conquistas que vos foram outorgadas no sistema de vida, na organização política e na economia do nosso povo, por indole inadaptado ao jugo ignominioso da tirania.

Não ha hesitação, que razoavelmente se admita, entre as gargalheiras do escravo e o oxigênio tonificador da liberdade humana. Viveis num país livre, onde os benefícios individuais ou coletivos se vos grangearam sem contendias inúteis, sem luta de classes, sem efusão de sangue, sem os preconceitos odiosos das castas privilegiadas. Viveis numa democracia longânime e cristã, cujas instituições, impregnadas, nesse domínio, dos ensinamentos do “magna-carta”, em que Leão XIII proclamou a “redenção do proletariado”, — a nunca assás benemérita encíclica *De Rerum Novarum*, — assimilaram e praticam os mais lúdimos postulados de justiça distributiva, conciliando as reivindicações santas do trabalho e os direitos essenciais da propriedade privada, com a autoridade normativa e coordenadora do Estado.

A legislação brasileira, no consenso unânime dos que a podem julgar, é a mais adiantada, a mais culta, a mais sábia de quantas, no mundo atual, regem esses direitos e reivindicações insequestráveis. E o Estado Nacional, que lhe completou a fecunda elaboração revolucionária, encontra o primeiro dos seus fundamentos angulares, na ordem econômica, em erigir o trabalho à categoria de "dever social", sob a proteção e solicitude especiais do poder público.

A' frente dessa democracia forte e justa, disciplinada e orgânica, está o homem de pról que, pelas suas virtudes preclaras, pela fortaleza do seu caráter e clarividência do seu patriotismo, mas, sobretudo, pelo seu amor às multidões obreiras e sua profunda identificação com as aspirações e as fadigas, os sofrimentos e as alegrias do trabalhador, houve de consagrar-se, no voto espontâneo do povo, o operário maior do Brasil: Getúlio Vargas!

Ele é o Chefe, o Condutor, o Guieiro iluminado da Nação. Sigamo-lo, pois, aonde quer que nos determinem a sua coragem e o seu gênio. Na atmosfera de epopéia que penetramos, não ha lugar para a vacilação dos pusilânimes ou a dubiedade reticente dos fracos e derrotistas; senão, apenas, para os que se não temem de arrostar a peleja e a morte. "Em momentos supremos — como disse o Presidente — os riscos não contam, porque "é preferível perder a vida, a perder as razões de viver". Só assim ficaremos à altura das responsabilidades que a hora nos impõe; só assim

seremos dignos da pátria que os maiores nos herdaram,
e dignos de a transmitir, íntegra no vulto e na honra,
às gerações que nos sucederem.

Frente do trabalho na guerra

Operários do Brasil!

Na guerra que estamos travando, na guerra em que o Brasil se vai agora diretamente empenhar, mais talvez que do valor dos exércitos, no campo de batalha, dependerá a vitória do funcionamento eficiente dos dispositivos de luta na frente interna.

Em última análise, como ensinava Foch, o bom êxito na guerra sempre foi, e há-de ser sempre, a resultante de uma dosagem minuciosa, de um rigoroso equilíbrio do material e do moral. A medula e o nível do elemento humano, a experiência tática dos chefes, a fibra e a flama interior do soldado, representam, sem dúvida alguma, índices os mais significativos no coeficiente do triunfo.

O fator moral e humano é que, por sobre todos os outros, venceu em 1914. Mas, ainda que redivivo em 1940, o espírito de 1914 não lograria o milagre de vencer, tão profundo e extenso o despreparo técnico e material da nação; tão obstinado o anacronismo da sua organização militar; tão exasperantemente lento o ritmo da sua produção bélica; tão manifesta, afinal, a sua inferioridade em armas e forças, frente a um adversário poderoso que revolucionara os próprios métodos da guerra, imprimindo-lhe a rapidez ciclônica das fúrias desapoderadas da natureza.

Não ha contestar, em verdade, o lamentavel estado de desmoralização coletiva, e não meramente política, como pretende Jacques Maritain, a que chegara a França de 1939. Donde o poder-se asseverar, com Tristão de Ataíde, que a derrota militar daquele belo e amado país — estranha derrota que aniquilou o material e o moral dos exércitos, deixando os homens quase intactos — não foi evidentemente fruto de causas puramente militares. A condição militar de um povo — observa lucidamente o ilustre pensador — é a consequência de um complexo de causas em que os motivos religiosos, morais, intelectuais, políticos e econômicos entram como um contingente decisivo. E o novo Sedan de 1940 — “tão trágico e tão mais decisivo que o de 1870 — foi fruto de uma decadência em todos os domínios, religioso, moral, intelectual, político e econômico”, que se processara por longos anos e encontrara na derrota o seu epílogo catastrófico (¹).

Isso nada obstante, se quizermos cogitar apenas das causas imediatas da *debâcle*, com exclusão dos seus motivos transcendentos, haveremos de as encontrar ali onde as assinalou, em síntese, o general De Gaulle, a saber, como “o resultado inevitavel do choque entre um exército organizado dentro de princípios em desuso e um exército preparado para uma guerra mecânica moderna” (²). E mais do que isso: o inevitavel desfecho do choque entre uma nação que se aferrara ao tradicionalismo irredutível da sua economia rotineira,

(¹) — Jacques Maritain e Tristão de Ataíde — *Noite de Agonia em França*, pg. 50.

(²) — Gardon Waterfield — *O que aconteceu na França*, pg. 199.

da sua mentalidade *paysanne*, incapaz de se amoldar, pelo menos com a necessária presteza, às exigências vertiginosas do embate hodierno, e de outra nação, que exsurgira das cinzas da derrota transformada numa formidável usina de guerra.

No desdobramento desse ponto de vista, respeito à tragédia de França, sustenta Richard Lewinson, conhecido e abalizado comentador do conflito atual, que, nesta arrancada, levarão a melhor, iniludivelmente, os países industriais, portanto, aquele grupo de nações que sobrepujar no rendimento da produção para as despesas da luta.

“Claro que os efetivos e a qualidade dos soldados hão-de ter sempre um papel importante, — explana esse escritor. Mas o material tornou-se o fator dominante, que compensa cada vez mais os efetivos. O estado do armamento reforça ou enfraquece o moral, a disposição para a resistência. O material quebra a consciência e faz romper os acordos mais sagrados. Como num grande *match* desportivo para um campeonato internacional, os mais fracos são rapidamente eliminados. As grandes potências que subsistem são os países que possuem propriamente uma forte indústria de armamentos — os que possuem uma verdadeira organização da sua indústria. Qualquer que venha a ser o desfecho da guerra, um fato já é evidente: a vitória dos países industriais”. (¹)

Duas são, na realidade, as frentes de batalha que decidem os destinos do homem e da civilização cristã,

(¹) — *Os sessenta dias trágicos da França*, 1941, pg. 223/29.

neste terrível duelo com as maltas sanguissedentas da barbaria animalizada. Mas, numa época, como a dos dias presentes, em que a guerra passou dos esplêndidos painéis napoleônicos, e das trincheiras soturnas de 1914, para o movimento dinâmico das grandes massas mecanizadas, a equação da vitória há-de fatalmente resolver-se pelos valores efetivos do trabalho, na frente da produção.

E' a guerra em que todos colaboram, no interesse de todos; a guerra de todos e de cada um, porque do esforço conjugado de todos — moços e velhos, homens, mulheres e crianças, — em todos os sectores de luta, é que resultará o bom êxito final, na alvorada redentora do mundo novo. E' "a guerra dos combatentes desconhecidos", como a designou o estupendo Churchill,— a guerra em que todos teremos de pelejar, sem um momento de repouso ou de pausa, "até que a sombra maldita de Hitler não mais escureça a nossa era". Antes, e acima de tudo, porem, é a guerra da máquina e da fábrica, da lavoura e dos campos, do estaleiro e da oficina, da ciência e da arte, da economia e da indústria, numa palavra, a vossa guerra, — operários do meu país! — a guerra que teremos de levar e vencer pelo vosso braço e pelo vosso espírito, pelo vosso labôr e pela vossa abnegação, pela vossa perseverança e pela vossa fé.

Já no histórico discurso que vos dirigiu a 1.º de maio último, nas comemorações anuais do Trabalho, repelindo com decisão intrêmula as bravatas e ameaças totalitárias, mostrava o Presidente Vargas que — "a

palavra de ordem a que devemos obedecer é produzir sem desfalecimento, produzir cada vez mais”.

“Não nos enganemos, — declarou o chefe da Nação, visionando a tormenta que se aproximava de nós. O mundo já não reconhece o direito de viver aos fracos, aos inermes, aos desamparados. Principalmente, se possuem riquezas fáceis de mobilizar e matérias primas indispensáveis à paz e à guerra. E’ preciso, pois, para preservar a América da cobiça dos conquistadores, torná-la autônoma, cercando-a de inexpugnável muralha de resistência econômica, e só o trabalho conjugado dos seus povos o conseguirá. Cumpre-nos, assim, executar com fé e coragem a parte que nos toca neste programa gigantesco.

E já agora, a parte que nos toca nesse gigantesco programa, é o de uma colaboração ativa nos vários quadrantes de ação — porque estamos em guerra.

Mobilizemos, de logo, todas as energias, por mínimas que sejam; todas as atividades, onde quer que se estejam exercendo; todas as vontades e todos os corações, nessa direção constante, nesse objetivo inflexível, nesse ideal acendrado e heróico: a vitória das democracias, a vitória das Américas, a vitória do Brasil.

Unidos, venceremos.

Nesta hora crucial da nacionalidade, hora crepuscular da liberdade no mundo, hora em que as pátrias livres periclitam, só ha uma diretriz, um caminho e um lema: a União Sagrada pelo Brasil.

Permiti — amigos e compatriícios meus — que vos eu insista nesta veemente e abrasada exortação, nesta jaculatoria votiva, de fêrvida e exaltante confiança patriótica: façamos a União Sagrada, como a França de Clemenceau e de Barrès, em torno ao símbolo sacrossanto da Pátria; façamos um juramento de fidelidade à Nação e ao homem excelso que a conduz; façamos, de corpo e espirito, uma intransponível barreira, uma infrangível muralha humana, para vencer ou morrer pelo Brasil.

E Deus estará conosco, porque a causa é de Deus.

Todavia, para que possamos efetivamente vencer, é necessário, em primeiro, que as nossas almas se fundam, fraternizadas, irmanadas, indesatavelmente associadas, nos cadinhos ardentes da nossa fé e do nosso amor à Pátria comum.

O momento, pela sua excecional gravidade, não comporta dissídios nem animadversões entre brasileiros. Dividir a Nação em compartimentos estanques, correntes hostis, ou grupos inconciliáveis, ao sabor de tendências e opiniões personalíssimas, afigura-se-nos um erro inclassificável contra a segurança e a integridade do Brasil. E' que assim, imprudentemente, estaremos fazendo o jogo da quinta-coluna, dos agentes provocadores, que pretendem semear a confusão para colher a desordem, sabotar o trabalho e desarticular a unidade do país, nesta hora grave.

E' preciso, portanto, como acentuou o bravo interventor fluminense, comandante Amaral Peixoto, invocando a lição de Rúi Barbosa, que não atiremos

aos nossos adversários ou inimigos o labéu de inimigos do Brasil. Descaridoso e iníquo fôra, de feito, o proscrever-se, ou tentar-se proscrever, do serviço da Nação e da sua defesa, por simples e humilhantes suspeitas, a milhares e milhares de brasileiros, e só em razão das convicções políticas e doutrinárias ou dos compromissos ideológicos, a que porventura se tenham, ontem, de bôa fé filiado.

Não ha, por certo, crime maior nem mais ignobil, que o de lesa-pátria. O traidor, hoje travestido de quinta-colunista, é o réprobo, o renegado, o precito, o pàtricida, cujo nome queima e macula os lábios que o proferem, cuja sombra transitará amaldiçoada na lembrança indelevel dos pósteros. Não ha em consequência, injúria mais grave, viltá mais deprimente, agravo mais fundo, que o de acusar a alguém de um tão feio e vilipendioso delito.

De bom aviso é, pois, que se não levantem contra brasileiros os termos desse libelo nefando, a implicar sanções de morte moral e execração civil, sem provas que o instruam cabalmente. As arguições apaixonadas ou levianas, que nesse sentido se fizerem, sobretudo se as inspiram as explosões da vindicta privada, os transbordamentos de méros rancores pessoais, vexam e deprimem, por sem dúvida, não apenas os indivíduos acaso por elas inocentemente atingidos, senão também, e muito ao de perto, a consciência do nosso povo, o sentimento de todos os brasileiros, a tradição cívica de nossa Pátria, cuja história — Deus louvado! — não se deslustra dessas nódoas abomináveis.

Que se não use, por isso mesmo, e a qualquer pretexto, de liberalidade, nem indulgência, para os que surpreendidos em culpa tão sacrílega, ou convencidos de responsabilidade em atos que a envolvam. A estes, não se lhes dê quartel, porque se terão mostrado impossíveis com o qualificativo de brasileiros, decaindo dos requisitos elementares da própria condição humana.

“Antes que tenhamos de combater o inimigo ostensivo, venha do mar ou do ar — dizia-vos eu, no prefalado discurso de 6 de Abril, — urge conosco o combate sem tréguas, e desde já, conforme advertiu o Presidente Vargas, ao inimigo dissimulado, insidioso, que se esgueira na sombra, dentro da nossa própria casa, aguardando o ensejo de cair sobre os nossos lares, as nossas propriedades e as nossas vidas. E tanto aos agentes adventícios da quinta-coluna, que entregaram a Europa ao hitlerismo voraz, como aos brasileiros indignos deste nome, que se mostrem acumpliciados, por ação ou omissão, nessa atividade sinistra. Para estes, triste legião de condenados que vendem a alma ao diabo e a pátria ao estrangeiro, pelas trinta moedas da delação; para estes, mais do que para quaisquer outros, não pode haver tolerância nem transigência, que não implique, por sua vez, delito irremissível de leso-patriotismo. Não ha sentimentalismo que se compreenda — concluia — numa emergência, como a que vivemos, em que se lançam, com a sorte das Américas e do mundo, os destinos mesmos de nossa Pátria, sua soberania, sua integridade, sua independência”.

Com Getúlio Vargas, pelo Brasil.

Operários do Amazonas:

A Pátria está em luta. Digâmo-lo corajosamente: a Pátria está em perigo, como todas as pátrias livres do mundo. E a causa da Pátria é a vossa causa: a causa da redenção da espécie humana, contra o vandalismo e a barbárie.

Batalhai por ela! E ficareis na memória das gerações. A Pátria é imortal, exclamou o Presidente. Ouçamo-lo e combatamos, sem olhar ao sacrifício e à morte. Nas horas decisivas, recomendava Péricles, exaltando os mortos do Peloponeso, mais vale sair da vida no apogeu da glória, do que nela permanecer por entre as sombras do pavor. Assim se dirá dos homens, como dos povos e das nações concientes do seu direito, na pleniposse do seu destino.

Com Getúlio Vargas, pelo Brasil!



A N E X O



GETÚLIO VARGAS
E A
CONCIÊNCIA DAS AMÉRICAS

ARTIGO PUBLICADO NA
REVISTA "AMAZÔNIDA",
DE MANAUS, EM
FEVEREIRO DE 1942.





GETÚLIO VARGAS E
A CONCIÊNCIA DAS AMÉRICAS

LEOPOLDO PÉRES (Autor de
"Política e espírito do regime")

Não é sem apoio no argumento da observação imediata, que André Siegfried, dando, aliás, uma exagerada importância às influências de raça e às aproximações ideológicas, assinala no panamericanismo a expressão definitiva de uma verdade inderrocável: a unidade fundamental dos povos deste hemisfério.

O destino das Américas, embora as particularidades que extremam o *facies* peculiar a cada um dos seus aglomerados políticos, dos seus grupos humanos — e nem poderia ser de outro modo, num Continente que se estende, de polo a polo, por todas as latitudes, — obedece, sem sombra de dúvida, a um signo comum, tão profundos se lhes mostram, a começar pelos do teor geográfico, os vínculos de interdependência, solidariedade e cooperação.

E a tal evidência não refoge o próprio e notável sociólogo acima aludido, sendo o primeiro a reconhecer que, se o ascendente racial e histórico milita no

separar, ou antes, no colocar em órbitas de gravitação diferentes, segundo o critério étnico das origens, as nações americanas, ou, pelo menos, os dois grandes blocos em que se distribuem, ao Norte e ao Sul, — a geografia e a economia entram como fatores decisivos no associá-las, ligando-as num só imenso tecido de interesses e relações. A fisionomia geográfica, a atmosfera tropical, o relevo orográfico, a extensão e o volume dos cursos d'água, a massa florestal, o aspecto físico, enfim, é em tudo semelhante, do Alaska ao cabo de Horn, dos Andes às Montanhas Rochosas, das planuras canadenses aos pampas meridionais. Ninguém contestará, por outro lado, que a América constitua um só "complexo econômico", notando-se por toda a parte (e quem o regista é Siegfried), em maior ou menor intensidade, os mesmos métodos de trabalho, o mesmo ritmo de expansão e de prosperidade, as mesmas possibilidades de riqueza, o mesmo dinamismo e as mesmas crises. Politicamente, basta lembrar que é o continente da democracia, das liberdades humanas, objetivando, ainda neste terreno, "um tipo profético de humanidade", consoante acentuou Woodrow Wilson.

"Senão como doutrina, ao menos como realidade, — escreve o eminente pensador de *Les États-Unis d'aujourd'hui*— o panamericanismo corresponde, pois, efetivamente, a um fato de observação. E se os políticos podem ter interesse em ignorar esse fato, ou bem ao revés, em exagerar-lhe o alcance, o simples observador

itinerante não poderia nem desconhecer nem perder de vista essa unidade, pela qual a geografia impõe, apesar de tudo, sua ação" (cf. *Amérique Latine*, 1934).

* * *

Não ha, porem, a nosso vêr, apenas razões de ordem fisiográfica e econômica a concorrerem na verificação do fenômeno anotado por Siegfried, mas outras razões, e de muito maior projeção na geografia do sentimento e na economia das idéias. E são as que dizem respeito a identidades insofismáveis de cultura (refiro-me à cultura propriamente dita e não às estratificações livrescas da cultura), de temperamento e de caráter, de inteligência e de espírito, que natural e irresistivelmente se criaram, e por óbvios determinismos antropogeográficos, entre as raças jovens desta orla do Atlântico.

De procedência anglo-saxonia, ou mediterrânea, falando o áspero idioma dos pioneiros, ou os harmoniosos idiomas peninsulares, os povos adolescentes da América, plasmados ao influxo das energias tonificadoras do Novo-Mundo, fundiram em novas formas de vida, de sensibilidade e de heroísmo, um tipo novo de civilização, e uma raça nova, aquela "raça cósmica" e total — a que se refere o polímato azteca, — destinada a empreender, num ciclo inédito da história, a reconstrução do homem e do Universo. Donde o progressivo, incoercível alheamento dessas nacionalidades môças, sadias e vigorosas às convenções caducas da civilização européia, fato de singela intuição, que os acontecimentos desta guerra, a culminarem, no domínio ético-espiritual, pela irreparavel *débacle* da França, vieram plenamente consolidar.

O panamericanismo deixou, portanto, de ser uma simples forma de ação política e interação econômica, para transformar-se numa diretriz fecunda do espírito livre das Américas, num conceito rejuvenescido da existência, numa concepção da vida restaurada no seu conteúdo transcendente de compreensão e fraternidade humana, — de uma vida digna de ser vivida, como diria Churchill.

Essa a impressão que perdura e ficará, inolvidável, da Conferência dos Chanceleres, há pouco reunida, por fortuna nossa, e direito que nos resultava da imorredoura tradição jurídica e diplomática de Rúi Barbosa e Rio Branco, na maravilhosa capital do Brasil. Esse o seu significado substancial, na consideração dos problemas graves desta jornada de vida e de morte para a liberdade no mundo.

* * *

O discurso que o Presidente Getúlio Vargas proferiu, na abertura do mágnio conclave, e cuja ressonância ainda se não apagou nos écos do Continente e nos quadrantes conturbados do órbe, foi bem a síntese, luminosa e viril, desse alto pensamento de reação pela honra, pela integridade e pela sobrevivência das nossas pátrias redimidas e soberanas. Em face dos mandamentos da violência, da injustiça e do ódio, êle se fez o intérprete máximo das reivindicações do Direito e da Lei; o guia oracular de um povo que propugnou em Háia, na palavra excelsa de Rúi, a igualdade das soberanias entre as nações fracas e fortes; que negou em Buenos-Aires, ainda pelo verbo flamejante e ultriz do compatriício imortal, o sentido de uma neutralidade que vacila, cúmplice e pusilânime, entre a legalidade e o arbítrio; e que, afinal, no

exemplo de Rio Branco, firmou, para a solução das suas divergências convizinhas, a norma imperecível do arbitramento e do repúdio à conquista e à guerra.

“O Continente Americano — que não tem contradições irredutíveis, entende-se em quatro idiomas facilmente acessíveis a todos os seus habitantes, conserva tradições cristãs comuns, idênticas raízes políticas e interesses que se ajustam, — proclamou o Presidente — tudo pode fazer para organizar a mais sólida e poderosa aliança de nações livres e soberanas que jamais conheceu a história da humanidade.

Pelo nosso exemplo, pelo nosso fervor em realizar o que foi uma antecipação genial da visão política de Bolívar, poderemos contribuir para restabelecer o equilíbrio do mundo, e mostrar que erram todas as filosofias, todas as doutrinas, todas as ideologias do ódio e da separação, da luta e da violência.

Levar as pátrias americanas a criarem formas novas e estáveis de convivência, sem excluir ou matar peculiaridades e tradições, é um ideal que nos merece sacrifícios presentes e futuros”.

Interpretando, destarte, o sentir de todos os brasileiros, convocados à União Sagrada em torno à figura do chefe insigníssimo, o Presidente Vargas traduziu, também, e com uma eloquência serena e incomparável, a voz da consciência americana, na defesa dos princípios supremos que justificaram, na história moderna, a formação das nacionalidades deste hemisfério, o drama das suas lutas civís, ou das suas pelejas externas, e a glória do seu destino de liberdade.

LIV. PALACIO REAL
Artes Gráficas
em geral



CESAR & CIA.

MANAUS
BRASIL



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

